

Guerras simbólicas substituem as reais:

Análise discursiva dos comentários de Arnaldo Jabor na Copa do Mundo Fifa 2014¹

Danielle NASCIMENTO²

Faculdade Integrada Tiradentes, Maceió, AL

Resumo

O esporte é, muitas vezes, retratado pela comunicação como fenômeno social, filosófico, econômico, político, comportamental e publicitário. A proposta deste artigo é analisar a relação da Copa do Mundo Fifa 2014 com as guerras (simbólicas e reais) entre as seleções e os países que as representam, mais especificamente o Brasil, a partir dos comentários de Arnaldo Jabor na Rádio CBN. Para essa análise discursiva são utilizados os postulados de Eni P. Orlandi, levando-se em consideração o discurso das mídias abordado por Patrick Charaudeau. A investigação resulta nos novos sentidos enunciados pelo sujeito do discurso, que esclarecem conceitos imbricados pelo momento esportivo e a situação político-econômico-social vivida pelo País, como o patriotismo.

Palavras-chave: Copa do Mundo 2014; guerras simbólicas e reais; Arnaldo Jabor; análise do discurso.

Copa do Mundo surge para aproximar os povos após a Primeira Guerra Mundial

“A Copa surgiu para curar as feridas da Primeira Guerra Mundial”. A citação do jornalista Eric Pincas (2010) esclarece o projeto do francês Jules Rimet de usar o futebol para aproximar os povos após o conflito – ideia que se tornou realidade em 1930. Eleito presidente da Federação Internacional de Futebol Associado³ (Fifa) em 1921, Rimet estava convencido de que o Mundial suscitaria um interesse excepcional, com o entusiasmo popular, e ainda reintegraria os países pela prática esportiva.

Fundada em Paris em 1904, a Fifa realizou o seu primeiro congresso em Oslo, capital da Noruega, em 1914, com o intuito de organizar um campeonato internacional. Rimet participou do evento como vice-presidente do Comitê Francês Interfederal⁴, no entanto, em razão da Primeira Guerra Mundial, ele foi encaminhado ao 22º regimento

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Especialista em Comunicação Empresarial; Professora do curso de Comunicação Social da Faculdade Integrada Tiradentes, email: daniellecandido@gmail.com.

³ Do francês, *Fédération Internationale de Football Association*, mais conhecida pelo acrônimo FIFA, é a instituição internacional que dirige as associações de futsal, futebol de areia e futebol associado, o esporte coletivo mais popular do mundo.

⁴ Em 1919, o Comitê Francês Interfederal deu origem à Federação Francesa de Futebol.

territorial de infantaria da cidade de Rouen, na França, voltando à vida civil apenas em 1919 – ano em que foi eleito presidente da Federação Francesa de Futebol.

Nos meses seguintes ao restabelecimento da paz, a renovação dos laços do futebol mundial parecia uma missão altamente diplomática. Isso porque o contexto político era pouco propício aos encontros internacionais e, conseqüentemente, se as partidas entre países aliados foram rapidamente retomadas, parecia inimaginável confrontar as equipes dos antigos inimigos. Mas foram as qualidades de mediador de Rimet que lhe valeram ser eleito presidente da Fifa em 10 de março de 1921.

E foi a maestria exibida pelos uruguaios nos Jogos Olímpicos organizados em Paris, em 1924, que despertou em Rimet a possibilidade de realizar o Mundial no país dessa seleção bicampeã olímpica (1924 e 1928), com renome considerável em toda a América do Sul e preparado para festejar o centenário de sua independência. Em 1930, quatro nações europeias⁵ e nove americanas⁶ participaram da competição. O Uruguai, país que sediou a primeira Copa do Mundo da Fifa foi campeão, derrotando a Argentina na final por 4 a 2.

Quando a guerra não deixou “a bola rolar” na Copa do Mundo

Realizada a cada quatro anos desde 1930, a Copa do Mundo só foi cancelada nos anos de 1942 e 1946, por causa da Segunda Guerra Mundial. O conflito entrou para a história com seu início em 1939, mas já em junho do ano anterior, uma série de problemas ameaçou comprometer o Mundial de 1938.

A Guerra Civil Espanhola durou de 1936 a 1939. Por isso, os espanhóis não participaram da Copa de 1938. A Alemanha já tinha anexado a Áustria, o que fez o número de participantes do Mundial reduzir de 16 para 15. A participação da Itália e Alemanha, inclusive, gerou protestos contra o fascismo de Mussolini e Hitler em uma Europa que já estava polarizada.

Outros desfalques importantes foram a Argentina e o Uruguai. Da América do Sul, apenas o Brasil participou da Copa do Mundo de 1938, que teve sede na França. Os únicos outros dois times fora da Europa foram Cuba e as Índias Orientais Holandesas, que depois se tornaram independentes e passaram a se chamar Indonésia.

Em 1939, as federações da Alemanha, Brasil e Argentina se ofereceram para sediar a Copa do Mundo de 1942. Mas, enquanto Rimet estava na América do Sul para avaliar os

⁵ França, Romênia, Bélgica e Iugoslávia.

⁶ Estados Unidos, México, Brasil, Peru, Paraguai, Chile, Bolívia, Uruguai e Argentina.

projetos, as tropas alemãs atacaram a Polônia em 1º de setembro de 1939 e a Segunda Guerra Mundial começou. Os preparativos para o Mundial foram interrompidos antes da escolha do país anfitrião. Apenas no congresso na cidade de Luxemburgo, em 1946, foi decidido que a quarta Copa do Mundo, em 1950, seria realizada no Brasil.

Brasil – Sede da Copa do Mundo Fifa 1950

Com a Europa se reerguendo da Segunda Guerra Mundial, coube ao Brasil retomar a rotina quadrienal dos campeonatos da Fifa com a Copa do Mundo de 1950. Interrompida em 1942 e 1946 pelo conflito armado, o torneio contou com a participação de apenas 13 seleções, mas houve desistências significativas, como Argentina e França. Outras duas equipes qualificadas, Escócia e Turquia, optaram por não enviar suas agremiações.

Com um regulamento pouco ortodoxo, principalmente porque não houve final propriamente dita: Uruguai e Brasil se enfrentaram na última rodada numa partida que valia o título, mas a fase decisiva, na verdade, era um quadrangular, que envolveu também Espanha e Suécia. Diante de um cenário animador⁷ – a seleção brasileira precisava apenas de um empate –, jornais anunciaram o título antes da hora e políticos afirmaram categoricamente que “a taça era nossa”.

A seleção brasileira abriu o marcador com Friaça aos dois minutos do segundo tempo, mas o Uruguai conseguiu a virada com gols de Juan Schiaffino e Alcides Ghiggia. O país vizinho comemorou no Brasil o seu segundo título mundial, numa virada que entrou para a história como o *Maracanazo*⁸, expressão inventada pelos uruguaios, que representa uma vitória épica no maior e mais famoso estádio do mundo, naquela época.

Mundial 2014: Brasil, o laboratório de *soft power* do mundo

Se as Grandes Guerras fizeram com que a Copa do Mundo Fifa acontecesse longe dos países que participaram ativamente dos conflitos, em 2014, são os conflitos político-econômico-sociais do país-sede que levaram a população brasileira a questionar a realização do Mundial num Brasil com histórico de crimes, violência, inépcia do serviço público e corrupção.

⁷ O Brasil chegou ao duelo definitivo com histórico animador: goleadas por 7 x 1 sobre a Suécia e 6 x 1 sobre a Espanha. Os uruguaios tinham empatado em 2 x 2 com os espanhóis e batido os suecos por 3 x 2. Por isso, o Brasil jogou contra os rivais sul-americanos, campeões da primeira edição da Copa, em 1930, precisando apenas de um empate.

⁸ Em português, Maracanazo.

Essas indignações surgiram com os Protestos no Brasil em 2013⁹, que tiveram sua primeira fase em meados de junho. Já na segunda fase, as manifestações começam a ter temas menos focados na questão do transporte e surgem pautas como as PECs 37 e 33, “cura” gay, ato médico, fim da corrupção e os gastos com a Copa das Confederações Fifa de 2013 e com a Copa do Mundo Fifa de 2014.

Em resposta à mídia que anunciava a falta de reivindicações claras durante os protestos, um vídeo intitulado “Anonymous Brasil - As 5 causas!”, de autoria do coletivo Anonymous, foi lançado na internet, que sugere os cinco motivos consensuais pelos quais as pessoas estariam se manifestando, dentre eles, as investigações e punição de irregularidades nas obras da Copa do Mundo a ser realizada no país. Manifestantes circularam com cartazes como “Fifa, paga minha tarifa” e entoando bordões como “Ei, Brasil, vamos acordar: um professor vale mais do que o Neymar”¹⁰.

Passados 64 anos do Mundial de 1950, o Brasil volta a ser sede na então 20ª Copa do Mundo Fifa 2014. Com um país envolto em problemas político-econômico-sociais, até a cultura do torcedor brasileiro pelo futebol também foi questionada devido às Manifestações de Junho que atingiram a Copa. Mas, segundo o jornalista Leslie Leitão (2014), “a alegria que tomou conta do país [apenas com o início da Copa] talvez seja o único legado incontestável do torneio”.

Com a proximidade do Mundial, os problemas permanecem, porém o motivo responsável pela retomada da felicidade nacional pelo futebol é o que Leslie define como o mais interessante laboratório do *soft power*¹¹ do mundo: o Brasil da Copa. Isso porque, de acordo com o cientista político americano Joseph Nye, *soft power* é o termo usado na diplomacia para definir a competência de um país para conseguir o que deseja por meio de sua cultura, imagem, sorrisos e paciência, em oposição a balas e canhões.

Isso não significa que a política do pão e circo¹² ainda funcione – a prova disso são as próprias manifestações. Mas, como afirmou Stefan Szymanski¹³, citado por Leitão, “a

⁹ Também conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, são várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, principalmente nas principais capitais.

¹⁰ Outros cartazes incluíam “Queremos hospitais padrões Fifa” e “Da Copa eu abro mão, quero é investimento em saúde e educação”. Em Salvador, no dia 20 de junho, dois ônibus da Fifa foram apedrejados, além de pelo menos outros dois comuns. Além disso, o hotel que servia de base para a Fifa foi vandalizado e um grupo tentou entrar no estabelecimento, sendo confrontado pela polícia.

¹¹ Em português, poder suave.

¹² *Panem et circenses*, no original em Latim, como ficou conhecida, era o modo com o qual os líderes romanos lidavam com a população em geral, para mantê-la fiel à ordem estabelecida e conquistar o seu apoio.

melhor razão de todas para sediar a Copa do Mundo é a felicidade nacional”, e também o clima de pacificação. Em 1954, por exemplo, a conquista da seleção alemã ocidental teve um efeito além do sucesso desportivo: nove anos após a Segunda Guerra Mundial, a maior parte dos alemães se considerou aceitável pela primeira vez em muitos anos.

No Brasil de 1950, talvez a busca por essa aceitação mundial tenha contribuído para a alegria nacional de ser o país-sede da Copa do Mundo. Já em 2014, parece que o Mundial contribuiu para um momento de pacificação dos conflitos internos de um país que teve seus problemas temporariamente abafados pelo sucesso desportivo, sendo este 20º Mundial conhecido como “um marco do *soft power* na conquista de corações e mentes”, aposta Leitão.

O discurso das mídias

Os jornais foram os primeiros meios de comunicação a abordar o tema Copa do Mundo. Depois, o rádio passou a transmitir o torneio nas primeiras edições, bem antes da aparição da televisão, que revolucionou a cobertura da mídia sobre a concorrência. Mas, o Mundial, o segundo evento mais televisionado no mundo (atrás das Olimpíadas), não teve ampliado apenas a sua cobertura midiática: antigas e novas mídias passaram a produzir também discursos¹⁴, enunciados nas mais variadas plataformas.

Diferentemente do discurso, a informação como apenas um ato de comunicação é um ponto de vista ingênuo. Segundo Patrick Charaudeau (2010), o ato de informar se inscreve no processo de transformação do “mundo a significar” em “mundo significado”, por descrever, contar e explicar fatos e acontecimentos. E o ato de informar participa também do processo de transação, porque faz circular um saber que um possui e outro ainda não. Esse processo de transação consiste ainda em dar uma significação psicossocial ao ato da linguagem em função de alguns parâmetros¹⁵.

É pelo fato de o homem falar para se relacionar com o outro – porque disso depende a própria existência –, que o processo de transação comanda o processo de transformação. Nesse sentido, no discurso informativo o “mundo a significar” pode ser considerado um

¹³ Coautor do livro *Soccernomics*, que faz detalhada avaliação dos quase inexistentes impactos econômicos positivos de grandes eventos esportivos.

¹⁴ O discurso é dispersão de textos e a possibilidade de entendê-lo como prática derivada da própria concepção de linguagem marcada pelo conceito social e histórico com a qual a Análise de Discurso trabalha.

¹⁵ Charaudeau lista os parâmetros: as hipóteses sobre a identidade do outro, o destinatário-receptor, quanto a seu saber, sua posição social, seu estado psicológico, suas aptidões, seus interesses, etc; o efeito que pretende produzir nesse outro; o tipo de relação que pretende instaurar com esse outro e o tipo de regulação que prevê em função dos parâmetros precedentes.

“mundo a descrever e comentar”, e o “mundo significado”, um “mundo descrito e comentado”. “Assim, todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação” (CHARAUDEAU, 2010, p. 42).

Logo, o discurso das mídias está além da visão tecnicista das primeiras teorias da informação, que segue um modelo em que tudo acontece como se houvesse uma instância de transmissão encarregada de fazer circular certo saber da fonte de informação ao receptor da informação. Charaudeau (2010) esclarece, portanto, que o discurso das mídias tem relação com os efeitos do processo de transação – que depende do tratamento que é imposto à informação. Por isso, “nem mesmo os organismos de informação especializados em transmitir diretamente o acontecimento e que acreditam estar mais próximos que os outros da factualidade” podem escapar desses efeitos.

Qualquer que seja a pergunta que se faça a respeito da informação, volta-se sempre para a questão da linguagem. A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação. (CHARAUDEAU, 2010, p. 34)

“Comunicar, informar, tudo é escolha”, afirma Charaudeau (2010), referindo-se às escolhas de efeitos de sentido para influenciar o outro por meio de estratégias discursivas, e não somente às escolhas de conteúdos e formas de fala. Essa formação do discurso midiático contribui para uma visão manipuladora da mídia. No entanto, para que haja essa manipulação, é preciso que alguém (ou uma instância) tenha a intenção de fazer crer a outro alguém (ou uma instância) alguma coisa (que não seja verdadeira), que traga proveito ao primeiro e que esse outro entre no jogo sem que o perceba. Mas não se pode dizer que a relação entre as mídias e os cidadãos seja assim.

“As mídias manipulam de uma maneira que nem sempre é proposital, ao se automanipularem, e, muitas vezes, são elas próprias vítimas de manipulações de instâncias exteriores” (CHARAUDEAU, 2010, p. 252). Na Copa de 1950, por exemplo, o fato de a seleção brasileira precisar apenas de um empate para ser campeã e de os políticos afirmarem categoricamente a vitória do Mundial contribuiu para que os jornais anunciassem erroneamente o título antes mesmo do início da partida. Isso demonstra que, além da

pressão interna da mídia, esta pode ser influenciada pelos fatores da atualidade, do poder político e da concorrência.

Os comentários de Arnaldo Jabor sobre a Copa do Mundo Fifa 2014

O relato (narrativa) e o comentário se opõem em sua finalidade, mas no uso comunicativo estão intrinsecamente ligados. Se o primeiro propõe uma visão de mundo da ordem do constativo, o segundo impõe explicação. Ao comentar um acontecimento nas mídias, não é possível garantir a veracidade das informações transmitidas. Assim, “o comentário jornalístico é uma atividade estreitamente ligada à descrição do acontecimento para produzir um acontecimento comentado” (CHARAUDEAU, 2010, p. 177).

Para argumentar, o sujeito deve problematizar seu propósito, fornecer as razões pelas quais um fato pôde produzir-se e o que significa, e avaliar seus diferentes aspectos por meio da expressão de seu ponto de vista. Soma-se a essa mecânica argumentativa o fato de o comentador preferir modos de raciocínio simples e motivadores, com o objetivo de atender os aspectos necessários de ser crível, despertar o interesse do consumidor da informação e tocar a sua afetividade.

Nesse sentido, o objeto de estudo deste artigo é analisar os comentários de Arnaldo Jabor na Rádio CBN sobre a Copa do Mundo Fifa 2014. O *corpus* da pesquisa se limita aos enunciados que abordam sobre esse Mundial, transmitidos no período de 27 de maio de 2014 a 25 de junho de 2014 – o que corresponde a um mês de observação. As datas se justificam pelo fato de marcarem desde o primeiro comentário sobre a Copa até o enunciado que coincide com a final da Fase de Grupos do Mundial, que classificou as seleções do Brasil e do México para as Oitavas de Final¹⁶.

O comentário de Arnaldo Jabor vai ao ar de segunda a sexta, por volta das 8h10, no programa Jornal da CBN, da Rádio CBN. Nesse período de análise, nove comentários foram selecionados de acordo com o *corpus*, conforme tabela a seguir.

¹⁶ No Grupo A, juntamente com o Brasil, estavam as seleções do México, Croácia e Camarões; estas duas últimas foram desclassificadas na Fase de grupos, as duas primeiras seguiram para as Oitavas de final.

CORPUS DA PESQUISA

Qt	Data	Comentário de Arnaldo Jabor na Rádio CBN	Período em relação ao Mundial
01	TERÇA, 27/05/2014, 08:13	Essa será a Copa do medo Há um suspense sobre um possível vexame internacional. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/05/27/ESSA-SERA-A-COPA-DO-MEDO.htm#ixzz363sOfZc8	A 16 dias do início da Copa.
02	SEXTA, 06/06/2014, 08:54	Copa vai revelar ao mundo a nossa incompetência Temos tudo para nos salvar, mas não queremos. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/06/COPA-VAI-REVELAR-AO-MUNDO-A-NOSSA-INCOMPETENCIA.htm#ixzz364bhgtDA	A seis dias do início da Copa.
03	QUARTA, 11/06/2014, 08:09	Copa do Mundo ignora a política e vai direto ao coração do povo O Brasil da luta de rua e da insatisfação parece esquecido a um dia da estreia no torneio. No país, o clima ficou dominical com o feriado. Parece que estamos de volta aos anos inocentes e delicados que já tivemos. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/11/COPA-DO-MUNDO-IGNORA-A-POLITICA-E-VAI-DIRETO-AO-CORACAO-DO-POVO.htm#ixzz364bzK7bS	Véspera da abertura da Copa.
04	QUINTA, 12/06/2014, 08:20	Usar a Copa como motivo de manifestações não dá pé No Brasil, o futebol é mais que um esporte predileto ou uma alienação, é uma forma de cultura que nos empolga há 100 anos. O país precisa de uma trégua, e a Copa do Mundo pode trazer isso. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/12/USAR-A-COPA-COMO-MOTIVO-DE-MANIFESTACOES-NAO-DA-PE.htm#ixzz364cDU95j	Dia da abertura da Copa e do primeiro jogo da seleção brasileira.
05	SEXTA, 13/06/2014, 08:15	Manifestações contra a Copa do Mundo devem cair no vazio Com depredações e violência na época do Mundial no Brasil, que é uma das poucas alegrias que temos, a população vai considerar os Black Blocs uns chatos que cortam a onda do país. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/13/MANIFESTACOES-CONTRA-A-COPA-DO-MUNDO-DEVEM-CAIR-NO-VAZIO.htm#ixzz364cQHC9m	Dia após a abertura da Copa e o primeiro jogo do Mundial: Brasil e Croácia, que aconteceu às 17h, na Arena Corinthians, em São Paulo, com placar 3 x 1.
06	QUINTA, 19/06/2014, 08:21	Faltou sorte ao Brasil contra o México Seleção poderia ter feito ao menos dois gols no segundo jogo do Mundial. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/19/FALTOU-SORTE-AO-BRASIL-CONTRA-O-MEXICO.htm#ixzz364crB0Tc	Dois dias após o jogo do Brasil e México, às 16h, no Castelão, no Ceará, com placar 0 x 0.
07	SEXTA, 20/06/2014, 08:20	Termo 'elite branca' continua me incomodando Quem critica o governo não é inimigo do povo. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/20/TERMO-ELITE-BRANCA-CONTINUA-ME-INCOMODANDO.htm#ixzz364d4LfJ3	Oito dias após a abertura da Copa, na Arena Corinthians, em São Paulo, quando a presidente Dilma foi vaiada.
08	TERÇA, 24/06/2014, 08:16	Copa nos devolveu o sentimento comum Evento trouxe a impressão de que o Brasil navega com ritmo anterior aos tempos digitais e aos tsunamis políticos. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/24/COPA-NOS-DEVOLVEU-O-SENTIMENTO-COMUM.htm#ixzz364dJ0mSg	Um dia após o jogo do Brasil e Camarões, às 17h, no Mané Garrincha, em Brasília, com placar 4 x 1. Etapa que marca a final da fase de grupos e classifica Brasil e México para as oitavas de final.
09	QUARTA, 25/06/2014, 08:16	Vamos sentir saudades da Copa do Mundo Guerras simbólicas substituem as reais por alguns dias. http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/25/VAMOS-SENTIR-SAUDADES-DA-COPA-DO-MUNDO.htm#ixzz364da1WDw	Dois dias após a classificação do Brasil para as oitavas de final. [Três dias depois, às 13h, no Mineirão, em Belo Horizonte, o jogo contra o Chile (1 x 1), classificou, nos pênaltis (3 x 2), o Brasil para as quartas de final. ^{17]}

¹⁷ Após a fase de grupos, os comentários continuaram, mas não fazem parte do objeto dessa pesquisa. Por curiosidade, no final do Mundial a seleção brasileira ficou em quarto lugar, após passar: pelas quartas de final com placar de 2 x 1 contra a Colômbia, no Castelão (CE); pela semifinal com placar de 1 x 7 contra a Alemanha, no Mineirão (MG); e perder a disputa pelo terceiro lugar para a Holanda no jogo de placar 0 x 3, no Mané Garrincha, em Brasília.

Análise do discurso

“O sujeito, diríamos, está para o discurso assim como o autor está para o texto”, afirma Eni P. Orlandi (2001, p. 73). De acordo com a autora, o discurso se define como o efeito de sentido entre locutores; o texto como unidade que representa, empiricamente, começo, meio e fim; o sujeito como o resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia; e o autor como a representação da unidade, delimitando-se na prática social como uma função específica do sujeito. Conforme defende Helena Nagamine Brandão (2013), o sujeito na Análise do Discurso é ainda marcado pela historicidade.

... esse sujeito essencialmente marcado pela historicidade não é o sujeito abstrato da gramática, mas um sujeito situado no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaços concretos. É um sujeito interpelado pela ideologia, sua fala reflete os valores, as crenças de um grupo social. Não é único, mas divide o espaço de seu discurso com o outro, na medida em que, na atividade enunciativa, orienta, planeja, ajusta sua fala tendo em vista um interlocutor real, e também porque dialoga com a fala de outros sujeitos, de outros momentos históricos, em um nível interdiscursivo. (BRANDÃO, 2013, p. 26).

José Luiz Fiorin (2013) esclarece que estudar a historicidade de um discurso não quer dizer apresentar a época em que o texto foi produzido, o autor que o enunciou, o lugar em que foi criado etc. Também é um equívoco relacionar a análise da historicidade do discurso com o estudo das referências que o texto faz a fatos históricos da época em que foi produzido. Na verdade, a historicidade do discurso tem a ver com o dialogismo, que se constitui em oposição de um discurso ao outro. Assim, “o sentido organiza-se num movimento dialético e é esse processo que é preciso aprender no estudo da historicidade” (FIORIN, 2013, p. 64).

Nesse movimento dialético de constituição do sentido da historicidade do discurso, a autoria é a função mais afetada pelo contato social e com as coerções. Isso porque, segundo Orlandi, as exigências para ser autor têm a finalidade de procurar tornar o sujeito visível (enquanto autor) com suas intenções, objetivos e direção argumentativa. “Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor” (ORLANDI, 2001, p. 76).

Como o sujeito precisa passar da multiplicidade de representações possíveis para a organização dessa dispersão num todo coerente, apresentando-se como autor, responsável pela unidade e coerência do que diz; é a partir do objetivo de pesquisa que temos esse autor

representado pelo comentarista Arnaldo Jabor¹⁸, enquanto o sujeito é constituído a partir da relação de uma identidade que resultará da constante necessidade de completude. E esse sujeito surge a partir da relação com o outro, da sua ideologia e história e das instâncias exteriores e interiores – estas últimas que integram o meio em que o discurso é enunciado: a Rádio CBN, Central Brasileira de Notícias, pertencente ao Sistema Globo de Rádio.

Com base nos pressupostos da Análise do Discurso aplicados ao estudo dos comentários de Arnaldo Jabor, o exame dos discursos é apresentado a seguir.

Comentário 1 – A 16 dias do início da Copa do Mundo, Arnaldo Jabor fez o primeiro comentário sobre o Mundial: “Essa será a Copa do medo: Há um suspense sobre um possível vexame internacional”. Ele compara os dois momentos em que o Brasil foi sede da Copa do Mundo (1950 e 2014) com a situação do País e o sentimento da população em cada época. Vale ressaltar que Jabor inicia todos os seus comentários com a expressão “amigos ouvintes”, o que simboliza uma relação de cordialidade com o receptor da informação, para que este o veja como crível a partir do despertar afetivo das palavras.

Em 1950, o comentarista aponta a relação ingênua construída pelo brasileiro de que o futebol, ou melhor, a conquista da taça do mundo, poderia ser sinônimo de independência e salvação para o país no pós-guerra. Se essa Copa de 1950 era o retrato da esperança, de sonhar com o futuro do Brasil, em 2014, a tentativa é de “limpar o presente”. Desse modo, a população passa a dar ao futebol à função político-econômico-social, quando esses problemas são de responsabilidade dos governantes – e assim há mais um mote para as manifestações. Para Jabor, esses conflitos internos apontam para uma mutação histórica, onde prevalece um rancor geral contra tudo e, conseqüentemente, a Copa.

Mas a “Copa do medo” a que o comentarista se refere não é apenas a dos conflitos internos, mas o fato de essas manifestações mancharem a imagem do Brasil internacionalmente, além de o próprio país ter a competência questionada sobre a realização do Mundial. Contrário às manifestações desde seu início, e também no período da Copa, Jabor expõe claramente ser favorável a viver no imaginário esportivo e esquecer um pouco da realidade que nos aflige, ao menos durante a efervescência esportiva – parece que ele estava numa campanha para salvar a imagem do Brasil.

A continuidade das manifestações com a proximidade do Mundial questiona o “amor indestrutível” do brasileiro pelo esporte. Talvez nem o governo imaginasse essa possibilidade e, por isso, avançou com “os gastos do grande circo que montou”. Ao afirmar

¹⁸ Carioca nascido em 1940, Jabor é um cineasta, roteirista, diretor de cinema e TV, produtor cinematográfico, dramaturgo, crítico, jornalista e escritor brasileiro.

que “antes, na Copa do Mundo, éramos a pátria das chuteiras, hoje somos chuteiras sem pátria”, o comentarista usa o termo (patriotismo) com ênfase no esporte, pelo fato de este não mais influenciar como antes os corações e mentes como funcionava antigamente para esquecer os problemas do país.

Comentário 2 – A seis dias do início da Copa, Jabor faz o segundo comentário: “Copa vai revelar ao mundo a nossa incompetência: Temos tudo para nos salvar, mas não queremos”. Pela característica política de sua coluna, mais precisamente de ser contra o governo (Partido dos Trabalhadores - PT), o comentarista esclarece que não é o tempo que transforma o país, são os fatos – estes que não acontecem por uma incompetência do governo que, com o início da Copa, será revelado ao mundo “algo muito ruim (que) cozinha em banho-maria o nosso progresso”, encerra, em tom ameaçador.

Comentário 3 – Na véspera da abertura da Copa, Jabor faz o terceiro comentário: “Copa do Mundo ignora a política e vai direto ao coração do povo: O Brasil da luta de rua e da insatisfação parece esquecido a um dia da estreia no torneio. No país, o clima ficou dominical com o feriado. Parece que estamos de volta aos anos inocentes e delicados que já tivemos”. Parece que o amor do brasileiro pelo futebol resistiu às manifestações e o clima, enfim, mudou com a proximidade do torneio.

O discurso de que “o Brasil não está nas florestas e cachoeiras, o Brasil está dentro de nossas cabeças” remete a uma relação que parte do real para o imaginário, onde neste universo o todo pode ser ignorado a favor de uma parte ideal que dura os 30 dias de Copa: a euforia da unidade da harmonia, um país que existe além dos crimes e escândalos.

O comentarista continua a campanha “a Copa não tem nada a ver com as manifestações” devido – vale ressaltar – aos seus comentários serem enunciados numa rádio que pertence ao grupo Globo, que comprou os direitos de transmissão da Copa do Mundo: o que incluiu o interesse de que os conflitos não atrapalhem a audiência do torneio esportivo. Ele ainda compara o futebol com uma “guerra de paz”, que alimenta a possibilidade de esperança da única vitória ao alcance das mãos: a taça – esta que parece ser a única possível.

Comentário 4 – No dia da abertura da Copa e do primeiro jogo da seleção brasileira, Jabor faz o quarto comentário: “Usar a Copa como motivo de manifestações não dá pé: No Brasil, o futebol é mais que um esporte predileto ou uma alienação, é uma forma de cultura que nos empolga há 100 anos. O país precisa de uma trégua, e a Copa do Mundo pode trazer

isso”. O comentarista segue com o discurso de que não haja manifestações durante a Copa e apela ao cantar um dos hinos do esporte: “Pra frente Brasil, salve a seleção”.

E como justificativa para que a população não use a Copa como motivo das manifestações, Jabor lista características do esporte que, na verdade, representam tudo o que não se tem no governo: o futebol une, congrega a população, esclarece ao invés de enganar, encanta e defende os brasileiros. E ainda traça o perfil do jogador Neymar, o que parece também uma comparação com os líderes que não temos politicamente: rápido, inteligente, competente, vitorioso e humilde.

“Se não vencemos ainda na sociedade, podemos ao menos ganhar na Copa” retrata um pouco da alienação que Jabor prefere definir como uma forma de cultura. Ele chama de “idiota” o brasileiro que torce para a seleção brasileira perder achando que vai prejudicar o governo: “tem muita gente aí que precisa estudar um pouco de política” – e isso distingue o governo brasileiro da seleção brasileira. E encerra com o discurso que apela, mais uma vez, à emoção, ao cantar “200 milhões em ação, pra frente Brasil, salve a seleção”.

Comentário 5 – Um dia após a abertura do Mundial e o jogo vitorioso do Brasil contra a Croácia (3 x 1), Jabor faz o quinto comentário: “Manifestações contra a Copa do Mundo devem cair no vazio: Com depredações e violência na época do Mundial no Brasil, que é uma das poucas alegrias que temos, a população vai considerar os Black Blocs uns chatos que cortam a onda do país”.

Nesse discurso, Jabor comenta sobre o jogo e também sobre o craque Neymar, relatando tudo o que “viu” sobre este e, mais uma vez, relaciona futebol e política: “a única coisa que não ‘vi’ foi o Lula”, depois de listar inúmeros problemas gerados pelo PT. Surge então um trocadilho que utiliza o verbo “ver” com o sentido de que no futebol tudo pode ser visualizado claramente, enquanto na política esse todo permanece na obscuridade. Ele menciona a diminuição dos protestos e os xingamentos que a presidente Dilma sofreu na abertura do Mundial – vaias justificadas pelo fato de o povo ter acordado para o uso do futebol “como circo para acalmar as manifestações”. Ou seja, “o futebol não é uma alienação”, insiste.

Comentário 6 – Dois dias após o jogo do Brasil e México (0 x 0), Jabor faz seu sexto comentário: “Faltou sorte ao Brasil contra o México: Seleção poderia ter feito ao menos dois gols no segundo jogo do Mundial”. Ele inicia o discurso com o comentário mais técnico sobre as partidas e alerta sobre a indecisão do técnico da seleção brasileira entre o futebol pragmático europeu e “o nosso futebol arte”.

Aquele dito vicioso que enaltece tudo o que vem da Europa, ao menos no futebol, não funciona (ou não funcionava). Parece que o Brasil tem que se modernizar politicamente e em campo também. O “time nervoso” também foi objeto de análise, mas relacionar o passado (a derrota de 1950) para justificar o presente não seria a razão, visto que o motivo talvez seja outro: existe a pressão pela vitória do país-sede do Mundial (como também existe o apoio da maioria da torcida). Mas, se por um lado o futebol mudou; no Brasil, política e futebol ainda estão num tempo passado.

Comentário 7 – Oito dias após a abertura da Copa, quando a presidente Dilma foi vaiada, Jabor faz o sétimo comentário e aborda o assunto: “Termo 'elite branca' continua me incomodando: Quem critica o governo não é inimigo do povo”. Esse discurso com foco totalmente político (contra o PT) não faz parte do objeto de pesquisa. No mais, aponta que a “elite branca” responsável pelos xingamentos eram pessoas que podiam pagar os preços absurdos que a Fifa pautou em conivência com o governo.

Comentário 8 – Dois dias após o jogo Brasil e Camarões (4 x 1), Jabor faz seu oitavo comentário: “Copa nos devolveu o sentimento comum: Evento trouxe a impressão de que o Brasil navega com ritmo anterior aos tempos digitais e aos tsunamis políticos”. A paz a que o comentarista se refere a partir da “cessão da vontade maluca de destruição sem rumo e sem ideologia” comprova a sua contrariedade às manifestações. Os pavores oriundos dos problemas reais do país deram lugar ao clima de paz e união do futebol. Jabor afirma que essa sensação é passageira, “mas é bom aproveitar um pouco de alienação simpática e brasileira enquanto durar”.

Comentário 9 – Dois dias após a classificação do Brasil nas Oitavas de Final, depois da vitória sofrida e nos pênaltis contra o Chile (1 x 1; 3 x 2), Jabor faz o nono comentário: “Vamos sentir saudades da Copa do Mundo: Guerras simbólicas substituem as reais por alguns dias. Dois dias após a classificação do Brasil para as oitavas de final”.

“Os campos verdes da Copa” não é a grama cobiçada do vizinho. É nossa. Depois do Mundial, a população vai arcar com essas “arenas” que mais parecem templos de gladiadores: tudo construído por uma guerra “simbólica” de paz, como define o comentarista. Países que já se guerrearam em operações militares vivem o teatro da “guerra” futebolística, quando se esquece do terrorismo e todas as outras mazelas que levaram a conflitos. Diante das eleições no Brasil, Jabor ironiza sobre como seria uma guerra simbólica entre os partidos.

Resultados

As guerras não são entendidas apenas para se discutir uma temática marcada pela historicidade e pelas estratégias memoráveis. Os comentários sobre as guerras (simbólicas e reais) enunciados por Jabor são importantes para se refletir sobre os sentidos do discurso e também as novas formas de ver e produzir imagens da Copa do Mundo Fifa 2014, a partir de acontecimentos passados (conflituosos), colocando a comunicação num cenário de guerra e paz. Por outro lado, serve de momento para se lançar, não apenas de olhares para o passado, mas também para o presente, o que permite refletir sobre diversas dimensões do contemporâneo brasileiro no contexto econômico-político-social.

Como afirma J.R. Guzzo, “o sucesso (da Copa) não muda em nada atos de desgoverno, e os atos de desgoverno não mudam em nada o fato de que a Copa foi um imenso êxito”. Na visão dele, são apenas duas realidades diferentes.

A qualidade sensacional dessa competição, que mexe como nenhuma outra na alma de bilhões de seres humanos, não vai fazer aparecer os benefícios para os brasileiros que foram prometidos e jamais serão entregues; no dia seguinte à final, o poder público nunca mais se lembrará das promessas que fez. (GUZZO, 2014, p. 106).

Em 1897, Jules Rimet criou uma agremiação capaz de ultrapassar as barreiras sociais e fornecer às classes trabalhadoras a oportunidade de se emancipar por meio do esporte. Em 2014, na coluna política de Jabor, os comentários que abordam o Mundial estimulam a refletir sobre como seria o Brasil com a magia da seleção brasileira que toca o coração e mente da população. Por essa comparação, as guerras (simbólicas e reais), as arenas (que veem jogadores e não gladiadores) e o patriotismo imbricado entre um país e a seleção de futebol que o representa mostram a relevância de investigar os sentidos do discurso que nascem de uma relação de construção do pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli. (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e comunicação. In: FIGARO, Roseli. (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

GUZZO, J.R. Errando à luz do sol. **Revista Veja**, São Paulo, ed. 2.380, ano 47, n.27, p. 106, jun. 2014.

LEITÃO, Leslie. Os bons ares do Brasil. **Revista Veja**, São Paulo, ed. 2.380, ano 47, n.27, p. 68-71, jun. 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PINCAS, Eric. Copa surgiu para curar as feridas da Primeira Guerra Mundial. **Revista História Viva**, São Paulo, n. 80, junho de 2010.

BICAMPEONATO DA ITÁLIA NA IMINIÊNCIA DA GUERRA. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/torcedor/historia-das-copas/1938> Acesso em: 04 de julho de 2014.

BRASIL SOFRE DECEPÇÃO DO TAMANHO DO MARACANÃ. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/torcedor/historia-das-copas/1950> Acesso em: 04 de julho de 2014.

CELESTE OLÍMPICA CALA O MARACANÃ. Disponível em: <http://pt.fifa.com/tournaments/archive/worldcup/brazil1950/index.html> Acesso em: 04 de julho de 2014.

COPA DO MUNDO FIFA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA Acesso em: 04 de julho de 2014.

PROTESTOS NO BRASIL EM 2013. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013 Acesso em: 04 de julho de 2014.

ESSA SERÁ A COPA DO MEDO. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 27 de maio de 2014. Programa de rádio.

COPA VAI REVELAR AO MUNDO A NOSSA INCOMPETÊNCIA. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 06 de junho de 2014. Programa de rádio.

COPA DO MUNDO IGNORA A POLÍTICA E VAI DIRETO AO CORAÇÃO DO POVO. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 11 de junho de 2014. Programa de rádio.

USAR A COPA COMO MOTIVO DE MANIFESTAÇÕES NÃO DÁ PÉ. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 12 de junho de 2014. Programa de rádio.

MANIFESTAÇÕES CONTRA A COPA DO MUNDO DEVEM CAIR NO VAZIO. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 13 de junho de 2014. Programa de rádio.

FALTOU SORTE AO BRASIL CONTRA O MÉXICO. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 19 de junho de 2014. Programa de rádio.

TERMO 'ELITE BRANCA' CONTINUA ME INCOMODANDO. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 20 de junho de 2014. Programa de rádio.

COPA NOS DEVOLVEU O SENTIMENTO COMUM. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 24 de junho de 2014. Programa de rádio.

VAMOS SENTIR SAUDADES DA COPA DO MUNDO. Jornal da CBN, São Paulo: Rádio CBN, 25 de junho de 2014. Programa de rádio.